

A PRODUÇÃO FAMILIAR NA COSTA DO PESQUEIRO – MANACAPURU / AM

Anderson de Souza Tavares – Universidade Federal do Amazonas
tavaresanderson@oi.com.br

A Costa do Pesqueiro é uma área de várzea pertencente ao município de Manacapuru no Estado do Amazonas e está localizada à margem direita do rio Solimões / Amazonas, em frente à sede daquele município. Ao longo da costa estão situadas algumas comunidades que vivem basicamente do modo de produção familiar / camponesa. Por se tratar de um ambiente de várzea, a produção camponesa se apóia, primordialmente, na agricultura de produtos de ciclo curto, mas existe também a produção de sítios agroflorestais (ciclo permanente) e a pecuária.

Este trabalho visou analisar o modo de produção praticado nas comunidades da Costa do Pesqueiro, enfocando uma família em particular, a qual representa muito bem a real situação de uma grande parte das famílias que ali vivem. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico com estudo em sala de aula durante disciplina de Geografia Agrária, além de uma prática de campo, onde foram analisados *in loco* os aspectos da produção familiar daquelas comunidades. Teoricamente, a produção familiar, como produção camponesa, nesta pesquisa, tem sua base nos estudos de Alexander Chayanov (1925), Lênin (1899), Kautsky (1899) e Tepicht (1973), todos inseridos em Ricardo Abramovay (1992). Também fundamenta esta pesquisa os trabalhos de Ariovaldo Oliveira (1996), Terezinha Fraxe (2000), Sérgio Schneider (1999), Hugus Lamarche (1993) e Manuel Masulo (1995).

Uma grande gama dos ribeirinhos da Costa do Pesqueiro baseia sua economia na força de trabalho familiar, o que caracteriza a produção camponesa. Assim, faremos a partir de agora uma análise teórica da produção camponesa, principalmente no que diz respeito a alguns de seus principais teóricos: Chayanov e Tepicht.

Chayanov

Em suas teorias, o russo Alexander Von Chayanov, acreditava, mesmo sendo marxista, que não existe um único modo de produção. Ele crera nos modos de produção não-capitalistas, no qual estava inserido o modo de produção familiar do campesinato. Contrapondo-se às idéias de Lênin e Kautsky, Chayanov teorizou este modo de produção baseando-se nos dados dos zemstvos sobre o campesinato russo. Chayanov mostrou o modo de produção camponesa fazendo uma relação entre a força de trabalho da família e o número de pessoas a serem alimentadas, ou seja, a força de trabalho e o consumo num período de 30 anos. Ele viu que a diferença entre as famílias, a qual Lênin classificou pela diferenciação social, estava na quantidade de pessoas que compunha a família – diferenciação demográfica –, pois, na relação trabalho – consumo, uma família na fase inicial seria menos sucedida do que uma em cujos filhos já ajudam no trabalho do campo.

Dessa forma, não existiria camponeses ricos e pobres, como afirmava Lênin, mas sim famílias com poucas pessoas em idade de trabalho, conseqüentemente pouco sucedidas, e famílias com muitas pessoas em idade de trabalho, mudando a relação trabalho – consumo e, conseqüentemente, se tornando bem sucedidas.

Assim, para Chayanov, o que aconteceria era uma penetração, e não desenvolvimento, do capitalismo no campo, já que as unidades familiares não eram auto-sustentáveis e necessitavam relacionar-se com o mundo exterior capitalista. Mesmo havendo esse contato dos camponeses com o capitalismo, os mesmos não se tornariam capitalistas, pois, com sua produção, não visavam lucro, mas ainda sim o sustento da unidade familiar, o que acontece na maioria das famílias na Costa do Pecuário.

Tepicht

Quase que com a mesma idéia de Chayanov, Jerzi Tepicht elabora sua teoria sobre o campesinato lançando a idéia de trabalho pleno e trabalho marginalizado. Na primeira, Tepicht diz que o trabalho pleno é aquele realizado pelo homem na plena idade de trabalho, com totais condições de trabalhar para o sustento da família. Na segunda, ele caracteriza o trabalho marginalizado como aquele realizado pelas mulheres, crianças e idosos, que são necessários, assim como o outro para manter a família.

Assim, Tepicht, bem como Chayanov, acredita na permanência do modo de produção camponesa ao lado do capitalismo, sendo que o campesinato não se extinguirá pelo contato com capitalismo, mas será adaptado em algumas das suas características por esta relação.

Elementos que caracterizam a agricultura camponesa

Eis algumas características da agricultura camponesa que a difere da agricultura capitalista:

- A força de trabalho familiar: onde a família trabalha para o próprio sustento;
- A prática da ajuda mútua: onde há a ajuda de outros comunitários no trabalho de determinada família;
- A parceria: quando duas ou mais famílias se associam para um determinado trabalho;
- O Trabalho acessório: quando um ou mais membros da família trabalha para outra (s) família (s) para ajudar sua unidade familiar;
- A força de trabalho assalariado temporário: bem como na agricultura capitalista, se caracteriza pela contratação (formal ou não) de trabalhadores para ajudar na colheita ou outro trabalho do campo;
- A socialização do camponês;
- A propriedade da terra: terra para trabalho, e não para negócio como na agricultura capitalista;
- A propriedade dos meios de produção: onde o camponês é dono dos seus meios de produção; e
- A jornada de trabalho flexível: onde o trabalho é realizado de modo flexível, não tendo um expediente de trabalho diário a ser cumprido, como na agricultura capitalista.

Movimentação na Circulação do Capital (K)

Na produção camponesa temos o movimento mercadoria – dinheiro – mercadoria (M – D – M), onde o capital tem valor de uso. Na produção capitalista, ao contrário da anterior, temos os movimentos: dinheiro – mercadoria – dinheiro (D – M – D: versão simples, sem lucro) e dinheiro – mercadoria – dinheiro' (D – M – D': reprodução ampliada, com lucro) tendo valor de troca. Assim, a produção camponesa se diferencia da produção capitalista no que diz respeito à mais-valia e ao lucro: no

capitalismo, estes são os carros-chefes deste modo de produção, ao contrário do campesinato, onde ambos estão ausentes.

O Ciclo de Vida na Várzea

A Amazônia compõe-se na verdade de dois ambientes naturais bem diferenciados, que são classificados sob o ponto de vista topográfico em terras firmes e várzea, sendo esta última o *locus* onde se firmou a pesquisa e o trabalho de campo. Em virtude disso trataremos de algumas de suas características relevantes a esse trabalho em referência a essas áreas.

A várzea é a região sujeita parcial ou totalmente às inundações anuais.

O ciclo de vida nessa região e, conseqüentemente, o ciclo das atividades de subsistência humanas, está à mercê do regime fluvial, ou seja, dos níveis de cheia e de vazante dos rios da região Amazônica. As cheias nos rios ocorrem no período de novembro a junho / julho. As secas ocorrem entre julho / agosto a outubro. Com a descida das águas, as partes mais baixas da várzea, que ficam geralmente mais afastadas do leito do rio, retêm a fauna aquática em lagos interiores onde ela se concentra, de forma a tornar a caça e a pesca altamente produtivas. Também em função do regime fluvial, a agricultura (de ciclo curto) é praticada de agosto a abril no solo enriquecido pelo aluvião andino e anualmente renovado. Geralmente há uma várzea alta, resultante da maior deposição de sedimentos ao longo do tempo, e uma várzea baixa, mais recuada, recortada por igarapés e lagos temporários e permanentes. A vegetação nas áreas de várzea é bastante compacta, com árvores abundantes em seiva e que não oferecem madeira de resistência.

A Produção Familiar na Costa do Pesqueiro

Baseado nas teorias acima descritas e na prática de campo pode-se fazer uma análise de como ocorre a produção camponesa na Costa do Pesqueiro.

Nas comunidades foi possível notar que as famílias variam muito de tamanho, o que tornaram algumas mais prósperas que outras, variando também a idade de seus membros, caracterizando a diferenciação demográfica proposta por Chayanov e Tepicht, para explicar o fato de algumas famílias estarem em melhor situação que outras.

Em torno de noventa por cento das famílias são donas da terra em que vivem, possuindo documentos que provam isto, ou seja, o título da terra. Para estas famílias a terra é utilizada apenas para o trabalho de subsistência, por isso a utilização dela de forma a produzir somente o necessário para o sustento da unidade familiar, mesmo que se produza um pouco mais para venda, já que há a necessidade de se fazer isto para possibilitar um ganho de capital necessário para a compra de produtos que não são produzidos na propriedade, bem como produtos industrializados necessários para manter a família.

Assim está fundamentada a produção das famílias moradoras das comunidades da Costa do Pesqueiro. Mas como fora assertado anteriormente, faremos a análise mais aprofundada de uma propriedade em particular: a propriedade da família do Sr. Ivo de Souza, que mora em uma comunidade do Pesqueiro I. Durante a análise serão feitas comparações entre a propriedade do Sr. Ivo e a dos outros moradores da Costa.

A Produção Familiar na Propriedade do Sr. Ivo de Souza

O Sr. Ivo é um dos ribeirinhos mais antigos que vivem na Costa do Pesqueiro. Sua propriedade está situada na Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Pesqueiro I. em sua propriedade o Sr. Ivo conserva um sítio agroflorestal, uma plantação de mandioca (*Manihot utilissima*, Pohl.) e uma plantação de malva (*Sida cordifolia*, Lin.), bem como um jardim com plantas medicinais, hortaliças entre outras. Aos fundos do terreno, após a plantação de malva, ele conserva uma grande área de floresta de várzea, a qual chama de igapó.

O terreno era herança de sua mãe que foi deixado para o irmão dele. O Sr. Ivo ganhou o terreno após pagar a dívida deste. Ele possui o título de propriedade do terreno, que está em seu nome.

A agricultura familiar praticada pela família do Sr. Ivo conta com a participação do próprio Sr. Ivo (70 anos), de sua esposa, dona Maria (53 anos), e de seu enteado, Samuel (20 anos). Samuel também trabalha fora da propriedade do Sr. Ivo, caracterizando o que Chayanov classificou como trabalho acessório. Samuel trabalha nas propriedades de outros ribeirinhos que residem à Costa do Pesqueiro, principalmente no corte da malva (*Sida cordifolia*, Lin.), hoje principal atividade de lavoura daquela região, recebendo “diárias” pelo trabalho. No tempo da colheita da malva e da mandioca, o Sr. Ivo conta com a ajuda de seu enteado, do seu genro e do seu filho, com quem divide o lucro da venda do produto. Na exploração foram catalogados os seguintes instrumentos de trabalho: terçado, enxada, machado, canoa, aparelho de seringa, foice de apanhar fruta, aparelho de marisco, arpão, anzol, malhadeira, tarrafa, boca-de-lobo e serra. A maioria das propriedades conta com o mesmo tipo de exploração do Sr. Ivo.

Utilização das Terras

O terreno do Sr. Ivo mede 64m de frente por 150m (na cheia) ou 800m (na seca) de fundo.

Ele utiliza o terreno apenas para plantio, não havendo pastagem para animais. Outras famílias utilizam suas terras tanto para a agricultura quanto para pecuária. O terreno do Sr. Ivo, bem como da maioria dos moradores da Costa, não é cercado, não por ele preferir assim, mas pelo simples fato de ele não ter recursos financeiros para cercar seu terreno.

Em torno da casa, Dona Maria, companheira do Sr. Ivo, mantém um jardim com plantas medicinais e hortaliças, utilizadas apenas na própria propriedade: alfavaca (*Ocimum* spp.), chicória (*Chicorium endivia*), marcela (*Achyrocline satureioides*), sara-tudo, japana (*Eupatorium ayapana*), tomate (*Solanum lycopersicum*), elixir paregórico, malvarisco (*Althaea officinalis*), hortelãzinho (*Mentha crispata*), amor-crescido (*Partulaca pillosa*), erva cidreira (*Melissa officinalis*), catinga-de-mulata (*Tanacetum Vulgaris*), babosa (*Abes vulgaris*), mangaratáia (*Zingiber officinalis*), mutuquinha e pimenta cheirosa.

Desta forma a terra do Sr. Ivo, como pra maioria dos ribeirinhos, se resume ao local onde ele pode morar, plantar e colher para benefício e manutenção apenas de sua unidade familiar. Isso reforça uma das principais características da produção camponesa: propriedade da terra para o trabalho e não para negócio.

O Sítio Agroflorestal

Com as limitações do extrativismo, principalmente nos últimos 40 anos, muitos caboclos ribeirinhos decidiram por adotar os sistemas conhecidos por agroflorestas tradicionais tropicais, que se caracterizam pela integração de um grande número de espécies arbóreas aos sistemas agrícolas. Numerosas populações da Amazônia, como na Costa do Pesqueiro, desenvolveram práticas agroflorestais. A forma mais comum é representada pelos quintais familiares, localizados nas proximidades das casas, que associam um grande número de espécies frutíferas em meio a uma complexa estrutura. O sistema agroflorestal necessita de poucos cuidados, já que o homem aproveita a dinâmica natural da vegetação.

O sítio agroflorestal é de grande importância na propriedade do Sr. Ivo de Souza, pois é responsável pela maior entrada de dinheiro para complementação da renda da unidade familiar, no movimento mercadoria – dinheiro – mercadoria. Em seu sítio, o Sr. Ivo possui, ainda, muitas seringueiras (*Hevea brasiliensis*), cacauzeiros (*Theobroma cacao*), cupuzeiros (*Theobroma grandiflorum*), bacabeiras (*Oenocarpus bacaba*) e açazeiros (*euterpe oleracia*). O sítio agroflorestal está presente em muitas outras propriedades ao longo da Costa..

A Pesca

A pesca também tem uma grande importância, já que tanto na propriedade do Sr. Ivo, como nas outras, o pescado ainda tem grande contribuição na alimentação diária daquelas famílias. Em algumas propriedades a pesca é a principal atividade familiar, pois em um determinado trecho da Costa a várzea é baixa e o solo para o plantio durante a vazante se torna escasso, o que leva muitos ribeirinhos a praticarem a pesca como principal meio de ganhar um dinheiro a mais para manterem suas unidades familiares. O pescado é vendido no mercado municipal e nas feiras pelos próprios pescadores ou revendidos por pessoas para as quais eles venderam.

Assim, temos uma caracterização, mesmo regional, de agricultura familiar camponesa, embora sabendo que algumas famílias já não possuem todas essas características.

Bibliografia

ABRAMOVAI, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo agrário em questão**. São Paulo – Rio de Janeiro – Campinas: HUCITEC/AMPOCS/Ed. UNICAMP, 1992.

AMIN, S.; VERGOPOULOS, K. **A questão agrária e capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRAXE, Therezinha de Jesus P. **Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume, 2000.

LAMARCHE, Hugus (coord.). **A agricultura familiar**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

LIMA, Dalmo M. de Albuquerque; WILKINSON, John (org.). **Inovações nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: CNPq/ Paralelo 15, 2002.

MASULO, Manuel et alli. **Caboclos – ribeirinhos: camponeses da Amazônia**. Mimeo, São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio ambiente e dinâmica de evoluções na agricultura**. São Paulo: Annablume, 1998.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e industrialização**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

SHIKI, Shigeo. **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro**. Uberlândia: Unicamp, UFU, Embrapa, 1997.